

A Teoria da Linguagem em Platão

Tânia Marília Resende (PIBIC/CNPq – COFIL – FUNREI)

Orientadora: Mariluze Ferreira de Andrade e Silva

Resumo

A linguagem foi tratada na Grécia, desde Homero, apesar de não haver ainda nenhuma reflexão teórica acerca dela. Tomando Neves (1987)¹ como fonte, percebermos que os gregos entendiam a linguagem como uma realidade sonora e que, para Homero, a ação seria praticada a partir daquilo que se fala e daquilo que se faz. Em Hesíodo isso não acontece, ele não narra acontecimentos, como Homero. Hesíodo passa, através da fala, aquilo que lhe é revelado pelas musas. São a elas que se confere a verdade ou falsidade do que é dito e, assim se instaura uma ordem através das palavras. A poesia é uma fala ditada pelas musas, mas ao lado dessa, se desenvolve também a retórica, através da qual cada homem pode se expressar. São duas formas de linguagem e é delas que surge o discurso filosófico preocupado com o princípio das coisas. Na Segunda metade do século V a.C. se desenvolve a sofística que tinha como preocupação principal a formação política. Os sofistas não tinham como objetivo ensinar a verdade, mas uma arte da fala, a persuasão, com um caráter englobante que será posteriormente criticado por Platão. Este trabalho tem como objetivo pesquisar a linguagem a partir de um ponto de vista de Platão a fim de se compreender o problema colocado sobre a questão da verdade das proposições.

Palavras-chave: Linguagem. Proposição. Discurso.

O Estudo da Linguagem

Platão foi o primeiro pensador a dar pistas para o estudo das proposições, colocando a linguagem como objeto de estudo. A partir dele começa haver uma especulação acerca da própria língua, já que ele faz uma distinção entre *onoma* e *rhema*, entre o nome e o verbo. Em Heráclito, a palavra *onoma* já havia aparecido, mas não como parte do discurso, mas como algo que é interno à imagem que se tem da coisa. A coisa e o nome aparecem como elementos que constituem a linguagem.

Antes de Platão, as duas palavras, *onoma* e *rhema*, queriam dizer quase a mesma coisa, ambas designavam “nome”. Essa distinção onde a língua explica a própria língua, vai ser a base sobre a qual os estóicos vão construir a gramática.

O *logos*, ou pensamento, só pode se constituir a partir das combinações entre o nome e o verbo, e o pensamento por sua vez, vai gerar a expressão vocal. Somente poderá haver acordo ou desacordo unindo os nomes aos verbos. Segundo Nuchelmans, há um critério pelo qual todas as possíveis combinações de *onomata* e *rhemata* podem ser divididas em dois grupos. Há um grupo de combinações que produz um *logos* e outro, tal como ‘Caminha corre dorme’ ou ‘Leão veado cavalo’, não produz. Se algumas das combinações produzem um *logos* significa que ele ocorre essencialmente em um ato de fala de *legein* dizendo que algo é o caso²

Havendo o acordo entre *onomata* e *rhemata* haverá o discurso. O discurso é aquele que discorre sobre algo e não apenas nomeia, ele nos dá indicação que se refere a

coisas, exprime a relação que existe entre as coisas.

Platão coloca que se o *logos* é verdadeiro ou falso as suas partes também serão verdadeiras ou falsas. Para Nuchelmans³⁴

De modo geral, pensava-se que em certas passagens do *Cratylus* de Platão (notavelmente 425 a) a palavra *logos* já continha, mais ou menos, o mesmo significado elucidado na passagem famosa do *Sophist* 261-264: o significado de uma declaração ou declaração caracterizando uma elocução construída por um nome e um verbo que é ou verdadeira ou falsa em um sentido estrito. Esses que defendem esta interpretação, são confrontados com a dificuldade que Platão conclui do fato que se um *logos* é verdadeiro ou falso suas partes também são verdadeiras ou falsas, uma conclusão que parece difícil justificar.

Nuchelmans concorda com Prauss, para quem o *logos* tem diferentes representações e é

um conjunto consistindo de palavras (*onomata*) como partes menores e de *rhemata* como combinação de *onomata* pela qual unir algo é caracterizado como um nome complexo e não como uma declaração que seriam os nomes e os verbos⁵

Esta colocação, para Nuchelmans, é difícil de justificar. Uni-los caracterizaria um nome complexo, e não uma declaração, como queria Platão. Assim, se o nome complexo fosse verdadeiro ou falso, as suas partes não seriam necessariamente verdadeiras ou falsas, já que são partes menores, podendo ser analisadas separadamente, e não na declaração, que é o caso de Platão.

O *logos* para Platão teria, então, três elementos: é uma declaração, possui um sintagma verbal e outro nominal e pode receber um valor de verdade. Isto fica explícito no seguinte diálogo de Teeteto com o Estrangeiro:

Teeteto: Que questão me vás colocar a propósito dos nomes?

Estrangeiro: - Se todos eles estão de acordo entre si, ou se não o estão; ou se se prestam a este acordo alguns deles e outros não.

Teeteto:- A última Hipótese é evidente; uns se prestam e outros não.

Estrangeiro: Possivelmente o que tu queres dizer com isto é o seguinte; aqueles que, enunciados em série uns após outros, têm algum sentido, admitem este acordo; os outros, cuja série carece de todo sentido, não têm acordo possível entre si.

Teeteto:- Que queres dizer com isso?

Estrangeiro:- O que creio eu tenhas tu em tua mente ao dar-me tu adesão a essa hipótese. Com efeito, para expressar vocalmente o ser, temos algo assim como duas espécies de signo.

Teeteto:- Quais?

Estrangeiro:- Se os denominas nomes ou verbos.

Teeteto: Explique uns e outros.

Estrangeiro:- Aos que expressam as ações chamamos de verbo.

Teeteto: Certo

Estrangeiro:- Enquanto aos sujeitos que realizam estas ações, o signo vocal que aplicamos a eles é um nome.

Teeteto:- Perfeitamente.

Estrangeiro: Os nomes enunciados completamente sendo um a continuação de outro não constituem nunca um raciocínio, como tampouco uma série de verbos enun-

ciados sem a companhia de um nome.⁶

Para Nuchelmans⁷ tomando como referência a exposição feita no *Sofista*, percebe-se que é impossível declarar ou pensar algo que não é o caso, e que nem todas as palavras podem ser combinadas; elas combinam com umas e não combinam com outras. Esta combinação se dá levando em consideração um ordenamento. A combinação de palavras que se faz desordenadamente não produz um *logos*. Os sofistas através das falsas declarações, criam um discurso irreal, eles não pronunciam a verdade que está para Platão, na idéia. Os sofistas não chegavam a contemplar a idéia, ficando no nível da opinião (*doxa*). O sofista na verdade fala ou imita o mundo sensível que, apesar de participar na idéia, não é a idéia e, portanto, não é a verdade em si. Só o filósofo contempla o mundo das idéias, e conseqüentemente a verdade que nele se encontra.

Pode-se, então, estabelecer uma estreita relação entre o não-ser, apresentado nesta obra e o falso. O não-ser seria a imitação do sensível, que embora se relacionando com o ser, não é o ser. Dizer o não-ser, sobre o ser, é dizer algo que na verdade ele não é, atribuindo ao ser uma propriedade que ele não possui. A noção de não-ser, que encontramos anteriormente em Parmênides (Neves, 1987), é a de que o discurso só é possível, porque existe duas possibilidades: a que é, e a que não é. Aquilo que não é, para Parmênides, não pode ser dito, isso porque ser e pensar em sua concepção é o mesmo. Se não posso pensar o não ser, também não posso dizê-lo. Empédocles e Anaxágoras vão dizer que o ser pode ser dito de diferentes maneiras pelo homem, separando o ser do pensamento e conseqüentemente da linguagem.

Por exemplo, a sentença: “João é racional” é uma declaração, tem um nome e um verbo e pode receber um valor de verdade, uma vez que se trata de uma afirmação. Se João é homem, ele é, necessariamente, racional. Esta sentença seria um *logos* verdadeiro, porque ser racional é uma propriedade atribuída ao homem. Agora, se dissermos: “João late” esta sentença também possui os elementos da anterior, mas recebe um valor de verdade falso, uma vez que latir não é uma propriedade atribuível ao homem. Pelo fato de que se pode, ou não, dizer a verdade, é que Platão vai usar a dialética como modo de se chegar à verdade. Por isso Platão critica os sofistas, para quem tudo que é dito é verdadeiro, já que se utilizam da retórica para ensinar.

Segundo Nuchelmans⁸ no *Sophista* (261c 6-262e2) Platão fala sobre a possibilidade da falsidade no discurso e coloca duas teses fundamentais: 1. há dois níveis de atividade no discurso: o nível *onomazein* e o nível *legein* e 2. devem ser combinadas certas unidades do nível *onomazein* de tal modo definido, para adquirir uma unidade do nível *legein*, um *logos*. As duas unidades que Platão introduz no nível *onomazein* são *onomata* e *rhemata*. Ambos são meios de nomear ou designar algo. *Rhemata* indica ações ou estados (*práxis*) e *onomata* especifica os assuntos dessas ações e estados.

Através dos nomes e dos verbos, da combinação entre eles surge um pensamento completo (*logos*), que é expresso pela fala, dizendo que algo é o caso. As combinações que não produzem um *logos*, é porque não se uniram para dizer que algo é o caso, elas não afirmam nada e não podem portanto receber um valor de verdade. Só há *logos* quando a expressão do pensamento dá informações e afirma algo (ações ou estados) sobre alguma coisa, uma pessoa ou uma palavra (aquele que pratica ou sofre a ação).

Para Platão, segundo Nuchelmans, se antes de falar, primeiro se raciocina, nomeia-se e forma-se um juízo, aquilo que é expresso vocalmente é algo independente, é um pensamento completo. “Platão quer dizer, aparentemente, que alguém que afirma

que algo é o caso, no nível *legein*, acarreta algo que é um todo completo e independente, em contraste com alguém que só chama atenção para algo por meio de um *onoma* ou *rhema*, no nível *onomazein*⁹. Nomear apenas, não constitui um pensamento completo, porque não combina nomes e verbos. Aquilo que é dito de algo através das declarações, possui independência, porque dá informação sobre algo, ou sobre um estado de coisas. A fala passa então, uma informação completa, que não deixa lacunas.

Assim, por exemplo, a proposição: “João é racional” passa uma informação completa sobre algo.

Quem a lê entende que todo homem é racional, entende a informação que está sendo passada pela declaração. Uma declaração deste tipo está no nível *legein*, no nível da fala e possui independência, enquanto que as que estão no nível *onomazein*, no nível do nomear, não possuem esta independência. As palavras que estão no nível *onomazein*, não passam uma informação que leve a uma conclusão, por isso seriam ‘defeituosas’ e não seriam um *logos*.

Nuchelmans parte da compreensão que Platão tem de independência no nível *legein* para argumentar que há um espaço aberto entre o nome (*onoma*) e o verbo (*rhemata*).

Assim, por exemplo, baseada na idéia de Platão, a proposição “João é racional” só é um *logos* completo porque o nome e os verbos estão combinados. “João é _____ e “_____ é racional”, tornam-se um *logos* que passa uma informação quando os espaços são devidamente preenchidos. O que é dito sobre o nome condiz com ele, e o nome combina com o que é dito. O nome e o verbo sem combinação são palavras que não passam uma informação completa e que são utilizadas e inseridas pelo pensamento em um todo maior que passa uma informação, elas são partes que constituem este todo.

No “Crátilo” encontramos a questão que Platão coloca, se seria os nomes fruto de uma convenção ou se designam aquilo que a coisa é, nesse caso eles seriam atribuídos às coisas por um legislador que conhece a natureza das coisas. Sobre esta questão, encontramos as seguintes passagens, no “Crátilo”:

Hermógenes - Sócrates, o nosso Crátilo sustenta que cada coisa tem por natureza um nome apropriado e que não se trata da denominação que alguns homens convencionaram dar-lhes, com designá-las por determinadas vozes de sua língua, mas que, por natureza, têm sentido certo, sempre o mesmo, tanto entre os Helenos como entre os bárbaros em geral.¹⁰

Hermógenes - Por minha parte, Sócrates, já conversei várias vezes a esse respeito tanto com ele como com outras pessoas, sem que chegasse a convencer-me de que a justeza dos nomes se baseia em outra coisa que não seja convenção e acordo. Para mim, seja qual for o nome que se dê a uma determinada coisa, esse é o seu nome certo; e mais: se substituirmos esse nome por outro, vindo a cair em desuso o primitivo, o novo nome não é menos certo que o primeiro. (...) Nenhum nome é dado por natureza a qualquer coisa, mas pela lei e o costume dos que se habituaram a chamá-la dessa maneira.¹¹

Platão argumenta, que os nomes têm como característica especificar a essência das coisas, aquilo que ela é. Só que para isso, aquele que nomeia teria que possuir a arte de nomear, e no caso este seria o legislador, que nomeia segundo a natureza das coisas. A formação da linguagem, seria uma arte, que se utiliza do nome para constituir

a linguagem.

Aquele que vai fazer uso da linguagem, em Platão, é o dialético, e portanto é ele que vai sentenciar, observando o trabalho do legislador. O dialético vai comprovar se o nome realmente expressa aquilo que a coisa é.

Como a arte para Platão é imitação e, portanto, não expressa a verdade em si, ele argumenta que quando se nomeia, aparece uma distância entre o nome (imagem) e aquilo que a coisa é. A partir dessa distância é que Platão discute o problema da falsidade; segundo ele algum nome pode não ser aplicado com a devida exatidão. Assim, seria possível declarar algo falso, já que o mesmo pode acontecer com os verbos e com a união de verbos e nomes, ou seja, com a proposição.

O mais provável é que os nomes exprimem o que as coisas são e que o uso dos nomes, faz com que por convenção, aceitemos alguns nomes. Quando vamos usá-los já sabemos previamente o que querem exprimir, então mesmo quando o nome não tem a devida exatidão, ele acaba por definir a coisa.

No “Crátilo”, percebe-se que essa dificuldade de nomear com exatidão implica no problema do conhecimento. Por nomear partindo da imagem, Platão coloca que o nome pode não ser uma forma confiável de se chegar ao conhecimento da essência das coisas. Atribuir falsidade ou veracidade a cada palavra ou nome isoladamente se torna difícil, o que ocorre é um discurso falso ou verdadeiro.

Dizer um nome é dizer aquilo que a coisa é, mas podemos dizer vários nomes de uma mesma coisa, apesar de cada coisa ser uma, ela pode ter muitas qualidades, e o mesmo se dá no discurso. Podemos dizer várias coisas de um mesmo nome, assim como uma mesma coisa pode ser dita de diferentes nomes. O espaço que há depois do nome João, pode ser preenchido por diversas coisas que podemos atribuir a João, como: “João é estudioso” “João é inteligente” e “João é racional” Da mesma forma o espaço que há antes do que é dito sobre o nome, no caso “racional”, pode ser preenchido por diversos nomes, como: “Maria é racional” “Pedro é racional” e “João é racional”

Para Platão, o *logos*, seria um todo articulado, um pensamento completo, por isso receberia um valor de verdade no todo, porque não é construído por partes. Se o *logos* é verdadeiro, é porque ele declara e afirma algo que é o caso, e se ele for falso é porque declara e afirma algo que não é o caso. Se um *logos* for falso, suas partes não são necessariamente falsas. Assim, por exemplo, o *logos*: “João late”, é falso. Existe um homem que se chama João, e existe um ato que é chamado “latir”. A combinação do nome com o verbo não forma uma proposição verdadeira porque o verbo latir não se adequa a João, se João é homem. O *logos* citado é um *logos* que declara e afirma algo que não é o caso.

Percebe-se que encontramos algo que não é o caso naquilo que foi afirmado. O problema da falsidade está na fala, naquilo que é exteriorizado; só podemos atribuir verdade ou falsidade ao que é dito, e não ao que se afirma em pensamento. O conteúdo do pensamento só é conhecido através da fala. A linguagem não coincide com o pensamento, ela é uma manifestação deste.

Platão, segundo Nuchelmans¹² investiga os atos mentais, ou seja, o pensamento, utilizando-se de três termos: *dianoia*, *doxa* e *phantasia*. *Phantasia*, seria a imaginação, uma espécie de *doxa*, e por isso Nuchelmans só discute a questão da *dianoia* e da *doxa*.

Segundo Nuchelmans¹³, há o discurso (*dianoia*) e o processo de pensar (*dialegesthai*). Este processo de pensar é também um diálogo, mas um diálogo da

mente consigo mesma. Para afirmar alguma coisa a mente primeiro conversa com ela mesma; ela pergunta e dá respostas. Depois disso é que ela vai formar um juízo e decidir se algo é ou não o caso.

Antes de Platão o pensamento e a declaração se confundiam por ter uma estreita ligação, mas Platão faz a distinção entre as atitudes mentais e o ato de exteriorizar estas atitudes, ou seja, a fala. O diálogo da mente com ela mesma é que define entre ser ou não o caso. Desta forma, quando se diz; “João late” a própria mente tem em si o valor de verdade, ele é o resultado do ato de pensar. O pensamento elabora a *doxa* que é exteriorizada pela fala. A *doxa* em si não é exteriorizada, ela é elaborada para a própria mente.

Podemos perceber estas distinções na seguinte fala do Estrangeiro:

Posto que, como temos visto, há raciocínio verdadeiro e raciocínio falso, e posto que, no raciocínio, distinguimos o pensamento, diálogo que tem a alma consigo mesma, a opinião fim e término do pensamento, e este estado que designamos com a expressão “imagino” combinação de sensação e de opinião, resulta, pois, necessário que ao estar emparentadas com o raciocínio, estas coisas algumas vezes sejam falsas.¹⁴

Considerações finais

Assim, concluímos que se um pensamento tem nele duas proposições, como por exemplo, “João é racional” e “João late”, a mente vai dialogar com ela mesma, fazer perguntas sobre uma e outra proposição para depois optar por uma, aquela que o pensamento julgar como sendo verdadeira. Assim, se “João é homem” “João é racional” já que ser racional é uma propriedade atribuída ao homem. Mas se “João é homem” “João não late” porque latir é uma propriedade, mas não é atribuída ao homem e, portanto, não é o caso.

A fala, segundo Nuchelmans¹⁵ seria a expressão do pensamento que é também comparada a exteriorizar uma imagem da *doxa* da pessoa sobre a corrente que flui pela boca uma forma de fazer a sua *doxa* ser conhecida pelos outros, essa imagem não é ela mesma, porque ela está no pensamento. O *logos*, é a imagem da *doxa*, que flui do pensamento através da fala.

Como o pensamento precede a fala, a fala nada mais é que a exteriorização do conteúdo do pensamento, de algo que o pensamento constrói. Tudo que é dito, recebe seu significado pelo pensamento, e é ele que pode atribuir valor de verdade às proposições.

BIBLIOGRAFIA

- NEVES, Maria H. de Moura. *A vertente grega da gramática tradicional*. São Paulo :Editora HUCITEC, 1987.
- NUCHELMANS, Gabriel. *Theories of the proposition: ancient and medieval. Conceptions of the beares of truth and falsity*. London: North-Holand, 1973.
- PLATÃO. *Obras completas*. Madrid: Aguilar,
- NUCHELMANS, Gabriel. *Theories of the proposition: ancient and medieval. Conceptions of the beares of truth and falsity*. London:North-Holand, 1973.

PLATÃO. *Diálogos – Teeteto e Crátilo*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Belém : UFPA, 1988.

_____. EL Sofista. In: *Obras Completas*. Madrid: Aguilar,

NOTAS

1. Neves, Maria H. de Moura. *A vertente grega da gramática tradicional*, 1987.
2. there is a criterion by which all possible combinations of *onomata* and *rhemata* can be divided into two groups. Some of them yield a *logos* and some of them, such as 'Walks runs sleeps' or 'Lion stage horse' do not. That some of the combinations yield a *logos* means that they essentially occur in a speech act of *legein* of saying is the case. Nuchelmans, Gabriel. *Theories of the proposition: ancient and medieval conceptions of the bearers of truth and falsity*. London: North-Holland, 1973, p. 14 (a tradução do texto, para este trabalho, foi feita pela professora Mariluze Ferreira de Andrade e Silva, orientadora do projeto).
3. It has usually been thought that in certain passages of Plato's *Cratylus* (notably 425 a) the word *logos* already has more or less the same meaning as is elucidated in the famous passage *Sophist* 261-264: the meaning namely of a statement or statement-making utterance which is constructed out of a noun and is either true or false in a straight for sense. Those who hold this interpretation are confronted with the difficulty that Plato concludes from the fact that such a *logos* is true or false that its parts too are true or false, a conclusion that seems hard to justify. Nuchelmans, Gabriel. *Theories of the proposition: ancient and medieval conceptions of the bearers of truth and falsity*. London: North-Holland, 1973, p. 13.
5. Prauss (1966:especialmente 43-60) has argued for a quite different rendering of *logos*, namely as an aggregate consisting of single words (*onomata*) as smallest parts and of *rhemata* as combinations of *onomata*, by which aggregate something is characterized in the way of a complex name and not in the way of a statement *Theories of the proposition: ancient and medieval conceptions of the bearers of truth and falsity*. London: North-Holland, 1973, p. 13.
6. PLATÃO. *Obra completa.*, Madrid : Aguilar, 1972, p.1039.
7. Op.cit., p.13-14.
8. Op. cit. p. 14.
9. Plato apparently wants to say that someone who asserts that something is the case, on the *legein*-level, brings about something that is a complete and independent whole, in contrast with somebody who only calls attention to something by means of an *onoma* or *rhema*, on the *onomazein*-level (Nuchelmans, op. cit. p. 15).
10. Platão. *Diálogos – Teeteto e Crátilo*, 1988, p.102.
11. Platão. *Diálogos – Teeteto e Crátilo*, 1988, p.103.
12. op. cit. p. 18.
13. Idem ibd.
14. PLATÃO. El Sofista. *Obra completa*. Madrid: Aguilar, 1972, p.1041.
15. op. cit. p. 19-20.